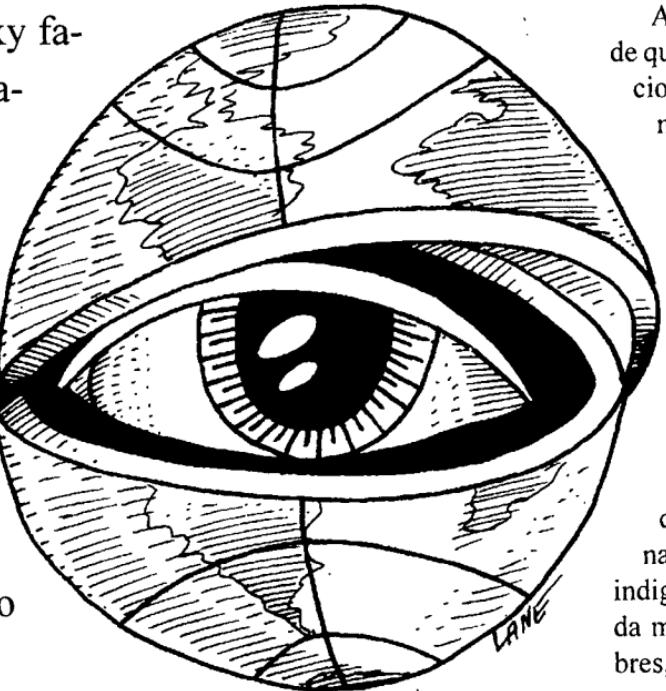


UMA VISÃO DAS INJUSTIÇAS DO MUNDO

Economia globo

O INTELECTUAL norte-americano Noam Chomsky falou em várias cidades do País, sobre o que é, na realidade, a nova ordem econômica mundial. Suas conferências talvez iluminem a mente dos brasileiros de boa fé ou ingênuos e revelem – quem sabe? – a hediondez dos que só agem ou pensam com malícia, a respeito de tal assunto. Chomsky mostrou, sem subterfúgio, quanto o Brasil – como tantos países do Terceiro Mundo – está sendo joaquim-silverizado-dos-reis pelos que falam em desenvolvê-lo, entregando-o, na bandeja, ao comércio internacional selvagem, cujo único objetivo é o lucro.



Antes que venham com a bobagem de que a globalização acabou com o nacionalismo, um aviso aos navegantes: não se fala, aqui, em nacionalismo.

Nem Chomsky falou disso, pois não aceita aquele sentimento estreito e xenófobo, que, no passado, jogava uns povos contra os outros, e era, quase sempre, explorado política e militarmente pelos atuais neo-internacionalistas e internacionalizadores da nova ordem mundial.

Fala-se aqui, quando se aprecia o pensamento de Chomsky, apenas em não aceitar, por ser injusto e indigno, que os países ricos fiquem ainda mais ricos, explorando os mais pobres, inclusive com a colaboração de suas próprias elites.

rosto bonitinho, mas glacial, da TV Globo, dias antes da conversão de Jabor. Esse ministro – Kandir, segundo a moçinha – garante que o dinheiro investido na Vale dá menos rendimento do que o investido no mercado de capitais. Mas, afinal, que Brasil os defensores de tais teses desejam: um País de especulação, preocupado com o rendimento dos dinheiros dos especuladores, ou interessado em resolver seus problemas sociais?

No governo Collor, o ministro Kandir aceitou, e provavelmente até aplaudiu, nas reuniões ministeriais, a decisão do então presidente de agradar aos países poderosos, pela interrupção dos programas brasileiros de desenvolvimento tecnológico. Lembram-se os leitores? Collor fez um grande estardalhaço mundial, mandando encher de pedras um

O Brasil, na correta concepção chomskyana, é um destes países explorados. Coincidentemente, ou não, enquanto Chomsky falava aos brasileiros, o ex-presidente Bush, dos Estados Unidos – um dos corifeus da nova ordem – agia e falava com empresários, avistando-se até com o presidente Fernando Henrique Cardoso. Em todas as oportunidades, ele defendeu a maior abertura do mercado nacional ao mundo, para não ficar mal, se falasse apenas nos EUA.

Sobre isso, por sinal, verificou-se, inesperadamente, uma importante conversão: o cineasta Arnaldo Jabor, habitualmente estridente em suas considerações de tom autoritário, afirmou, na TV Globo, o que o Brasil quase todo já sabe: os americanos querem a globalização para nos vender seus produtos, sem dificuldades, mas nem de longe pensam em conceder o mesmo tratamento à produção brasileira e dos outros países periféricos.

Jabor e Chomsky pensam pois da mesma forma, face à cruel realidade. Chomsky, no entanto, percebeu e comprovou a má fé da teoria da globalização há muitos anos, pois é um intelectual de espírito livre e não um produto de “marketing” político.

É um homem livre que se preocupa com a liberdade dos seres humanos, seus semelhantes, e dos povos, em geral, sem nenhum preconceito. Não serve às ambições nem aos interesses mesquinhos, como tantos falsos intelectuais, no Brasil e no resto do mundo.

Para Chomsky, como Protágoras, o homem, seja ele quem for, é a medida de todas as coisas. Das coisas que são, enquanto existem; e das que não são, enquanto não existem. Daí a inconformidade de Chomsky, face à omisão dos intelectuais e governantes, diante das injustiças sociais existentes no mundo e da condenação dos países pobres à eterna pobreza.

Um ex-ministro do desastreado governo Collor defendeu a venda da Vale do Rio Doce, fornecendo argumentos falaciosos a uma âncora de

poço de experimentação de simples bombas de fragmentação e outras de igual poder, na região de Cachimbo. Afirmou que, com esse gesto, havia abortado qualquer tentativa de realização de experiências nucleares, no Brasil. Na verdade, o poço de Cachimbo encontrara um enorme lençol de água e era impróprio para testes de eventuais petardos nucleares, conforme chegou a pensar em utilizá-lo o brigadeiro Hugo Piva. Pois o empulhamento do episódio foi o primeiro passo para forçar o País a desistir não apenas de experiências nucleares, mas de todos os programas de desenvolvimento científico e tecnológico então em curso. Se isso não tivesse acontecido, tais programas poderiam, hoje, estar ajudando o Brasil a ser menos pobre, menos dependente e menos preocupado com a chamada globalização de mão única, descoberta agora por Jabor.

**RUBEM
AZEVEDO LIMA**